

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: UMA
COMPARAÇÃO ENTRE AS MAIORES DA REVISTA EXAME 2017

FABIANA MAYUMI AOKI

Cuiabá – MT

2018

FABIANA MAYUMI AOKI

**ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: UMA
COMPARAÇÃO ENTRE AS MAIORES DA REVISTA EXAME 2017**

Artigo Científico apresentado à UFMT/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Departamento de Ciências Contábeis, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Me. Ederaldo José Pereira de Lima

Cuiabá – Fevereiro/2018

FABIANA MAYUMI AOKI

**ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE
AS MAIORES DA REVISTA EXAME 2017**

Artigo Científico defendido e aprovado em ____/____/____ pela banca
examinadora constituída pelos professores:

Prof. Me. Ederaldo José Pereira de Lima
Presidente

Prof. Ma. Giseli Alves Silvente
Membro

Prof. Me. Maykon Sergio Amorim Oliveira
Membro

SUMÁRIO

RESUMO	4
1. INTRODUÇÃO.....	4
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1 CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA NO BRASIL.....	5
2.2 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS	7
2.3 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS	7
2.3.1 Índices Econômico-financeiros	8
3. METODOLOGIA	9
4. ANÁLISE DOS DADOS	10
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS	16
APÊNDICE	18

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo verificar se os dez maiores grupos empresariais de acordo com a Revista Exame de 2017 sofreram os mesmos impactos econômicos e financeiros durante o período de 2014, 2015 e 2016. Para alcançar o objetivo, analisou-se os índices econômico-financeiros de liquidez, rentabilidade e endividamento os quais foram feitos a partir das demonstrações contábeis desses grupos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, além disso se caracteriza como uma pesquisa descritiva. Ao analisar os resultados, pode-se concluir que os grupos sofreram impactos diferentes, isto é, os resultados dos índices de cada um são diferentes uns dos outros. Em geral, quem conseguiu se sair melhor durante o período de crise dos três anos analisados e de acordo com os índices financeiros foi o grupo Ultrapar.

Palavras-chave: Análise das Demonstrações Contábeis, Índices econômico-financeiros, Crise econômico-financeira.

1. INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2014 o Brasil se encontra em meio a uma crise econômico-financeira que, segundo Barbosa Filho (2017), Ph.D. em economia pela New York University, é o resultado de um conjunto de choques de oferta e de demanda que atingiram a economia brasileira e foram ocasionados por erros de política econômica. Em razão da crise, o gerente executivo de Pesquisa e Competitividade da Confederação Nacional da Indústria (CNI) afirma que tanto o investimento como o consumo das famílias estão diminuindo.

Por conta deste cenário, torna-se relevante estudar se os dez maiores grupos empresariais sofrem os mesmos impactos tanto econômicos quanto financeiros para que um possível investidor tenha conhecimento sobre qual destes é mais vantajoso de se investir. Além disso, essas informações também servem de auxílio para tomada de decisão.

Ainda nessa conjuntura, o problema de pesquisa que este artigo busca responder: esses dez maiores grupos empresariais sofrem os mesmos impactos econômicos e financeiros durante os três anos a serem analisados?

Para responder tal problema, foram utilizadas as demonstrações financeiras das 10 maiores empresas eleitas pela revista Exame Melhores e Maiores, edição 2017. No entanto, como nem todas as informações necessárias estavam disponíveis na internet, a revista serviu

como parâmetro para a coleta das demonstrações contábeis consolidadas dos grupos dessas maiores empresas eleitas pela revista.

O objetivo geral deste trabalho consiste em elaborar a análise das Demonstrações Contábeis e, por meio dos indicadores financeiros calculados a partir dos demonstrativos contábeis consolidados dos anos de 2014, 2015 e 2016, avaliar como a crise está afetando o resultado final destes grupos.

Os objetivos específicos são coletar os dados por meio de documentos contábeis e analisar as demonstrações contábeis por meio dos índices econômico-financeiros.

Com relação à estrutura, o trabalho foi dividido em quatro seções. Na primeira seção é apresentado o referencial teórico o qual aborda a crise econômico-financeira no Brasil, conceito de demonstrações contábeis, análise dessas demonstrações e os índices econômico-financeiros e suas divisões. Na segunda seção, é apresentado a metodologia do trabalho, ou seja, quais foram os procedimentos para desenvolvimento da análise. A terceira seção consiste na análise e interpretação dos dados. A quarta e última seção discorre sobre as considerações finais fundamentadas nas análises e pesquisas feitas ao longo do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA NO BRASIL

A crise econômica, também conhecida por recessão, para a maioria dos economistas, ocorre quando o Produto Interno Bruto (PIB) tem um resultado inferior ao período passado e continua nesse retrocesso por pelo menos dois trimestres consecutivos (NOGUEIRA, 2011). É possível perceber também essa alteração na economia pelo alto índice de desemprego, falência, queda de consumo e produção.

No Brasil, de acordo com Fonseca (2015), gerente executivo de Pesquisa e Competitividade da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a crise atinge toda a economia que afeta diretamente o emprego e a renda da população. Além disso, diminui o investimento e o consumo das famílias. Em uma comparação, é como um efeito dominó: a recessão atinge a economia, que afeta o emprego e renda, que conseqüentemente reduz o investimento e consumo.

DOIS ANOS DE RECESSÃO

Anual por governo

VARIAÇÃO EM PORCENTAGEM

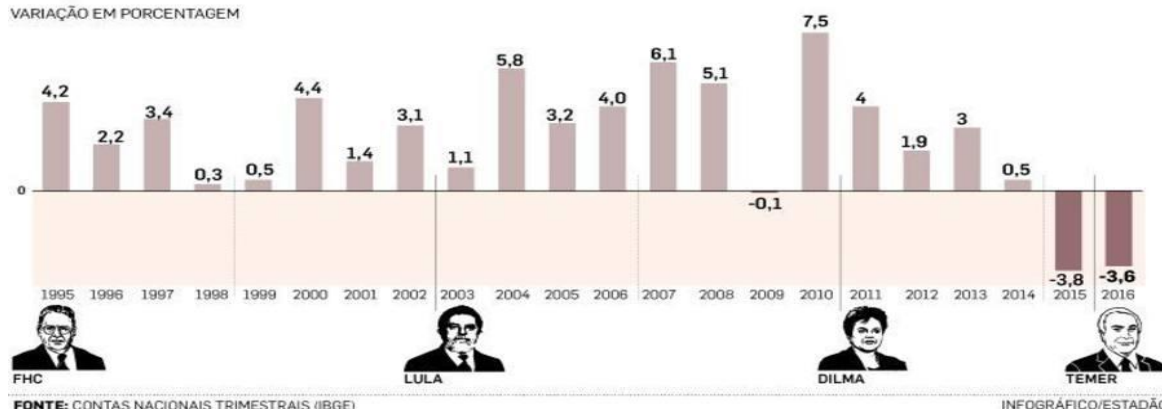


Figura 1 - Taxa de crescimento do PIB

Fonte: Estadão (2017)

A figura 1 mostra a recessão do país por dois anos consecutivos, com acúmulo de 7,4%. De acordo com a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis, a população empobreceu já que em 2014 a 2016 o PIB per capita caiu 9,1% e ao mesmo tempo, a população cresceu 0,9% ao ano. Dessa forma, como a população continua crescendo, a queda do PIB per capita também se estende (ESTADÃO, 2017).

Em suma, a maioria dos setores sofrem com os prejuízos advindos das mudanças ocorridas na economia brasileira e, estas afetam diretamente o comportamento da sociedade em geral, produzindo sentimentos de incerteza e receio no que diz respeito ao consumo de bens e serviços (PINHEIRO, 2016). Estes sentimentos de incerteza e receio podem ser vistos no estudo 'Retratos da Sociedade Brasileira' realizado em 2015. Tal estudo é feito pela CNI e mostra resultados de pesquisas feitas com a opinião pública sobre diversos temas, dentre eles a crise econômica, para que possa verificar a percepção da sociedade em relação a temas relevantes no desenvolvimento do Brasil, e além disso avaliar a adequação de políticas públicas.

Esse estudo mostra que 57% dos brasileiros mudaram seus hábitos de consumo e planejamento financeiro por conta da crise e que outros 21% pretendem mudar também (RIBEIRO, 2015). Além disso, de acordo com a CNI, 90% deles afirmaram ter passado a pesquisar mais os preços antes de efetuar alguma compra; 77% mudaram o local de consumo para algum com preço inferior; 72% trocaram produtos por outros mais baratos; 63% adiaram a compra de bens com valor maior e 74% reduziram as despesas da casa porque não tinham

muito dinheiro. Estes índices mostram o quanto o brasileiro está cauteloso na hora de gastar o suado salário.

2.2 DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Segundo Ribeiro (2004, p. 40), demonstrações contábeis “são relatórios ou quadros técnicos que contêm dados extraídos dos livros, registros e documentos que compõem o sistema contábil de uma entidade”. São conhecidas também como demonstrações financeiras e devem ser obrigatoriamente divulgadas anualmente pela administração da empresa. Além disso, representam a prestação de contas para os sócios, acionistas e diversos usuários da contabilidade.

De acordo com o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) 26, as demonstrações contábeis são compostas por: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício – DRE, Demonstração do Resultado Abrangente – DRA, Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido – DMPL, Demonstração do Fluxo de Caixa – DFC, Notas Explicativas, Demonstração do Valor Adicionado – DVA se for companhia aberta (Art. 176, Lei 6404/76) e Demonstração do Lucro e Prejuízo Acumulado – DLPA.

2.3 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

A análise das demonstrações contábeis é uma técnica contábil pela qual se pode extrair informações úteis destas demonstrações para os usuários interessados (SANTOS, 2009). Dessa forma, o analista pode decompor essas informações úteis e interpretá-las a fim de conseguir um melhor embasamento para auxiliar o gestor na tomada de decisão.

De acordo com Iudícibus (2010, p. 5), analisar as demonstrações contábeis é saber extrair informações úteis dos relatórios contábeis tradicionais e suas extensões. Diz, ainda, que é uma arte, pois mesmo que existam cálculos formalizados, não há um método comprovado de relacionar os índices de forma a obter um diagnóstico preciso. Desse modo, cada analista poderia chegar a conclusões diferentes mesmo tendo o mesmo conjunto de informações e quocientes.

Analisar as demonstrações contábeis, como o próprio verbo sugere, é sobre analisar, verificar as informações obtidas nestas demonstrações para que desta análise, o usuário interessado consiga as informações necessárias para a tomada de decisão, ou somente para se manter informado.

Um das formas de se analisar as demonstrações contábeis é fazer o cálculo dos indicadores econômico-financeiros, tema que será abordado no próximo tópico.

2.3.1 Índices Econômico-financeiros

Os índices econômicos e financeiros trazem informações que mostram se a empresa está em uma situação favorável ou não. Dessa maneira, fornece uma visão geral da estrutura, e, assim, conhece-se realmente a situação econômico-financeira da empresa analisada. (GOMES et al). Além disso, tem como objetivo determinar tendência e extrair informações que auxiliarão na tomada de decisões (CARDOSO, 2013). É o que afirma Iudícibus (2010, p. 92) quando diz que a principal finalidade do uso de índices econômico-financeiros é a de permitir ao analista extrair tendências e compará-los com padrões que já foram estabelecidos.

Para Ribeiro (2004, p. 132), “a situação financeira é evidenciada pelos Quocientes de Estrutura de Capitais e de Liquidez, enquanto a situação econômica é ressaltada por meio dos Quocientes de Rentabilidade”. Portanto, para que o usuário interessado saiba como está a empresa econômico e financeiramente, é necessário que se faça três indicadores: o de liquidez, rentabilidade e de endividamento, também conhecido como estrutura de capitais.

2.3.1.1 Índice de Liquidez

Os índices de liquidez são usados para verificar se a empresa consegue ou não para quitar suas dívidas de longo prazo, curto prazo ou prazo imediato (MARION, 2005, p. 83).

Segundo Ribeiro (2004, 139), “os quocientes de liquidez evidenciam o grau de solvência da empresa em decorrência da existência ou não de solidez financeira que garanta o pagamento dos compromissos assumidos com terceiros”.

Dessa forma, estes índices mostram o quanto a empresa possui para pagar suas obrigações. Estão divididas em: Liquidez Imediata, Seca, Corrente e Geral (CARDOSO, 2013).

2.3.1.2 Índices de Rentabilidade

Os índices de rentabilidade indicam se a empresa é rentável ou não. Em resumo, estes índices fornecem informações acerca do tempo de retorno dos investimentos.

Os índices de rentabilidade possuem várias divisões, mas neste artigo serão utilizados apenas estes: giro do ativo, margem líquida, retorno do investimento e retorno do patrimônio líquido.

De acordo com Ribeiro (2004, p. 146), “os quocientes de rentabilidade servem para medir a capacidade econômica da empresa, isto é, evidenciam o grau de êxito econômico obtido pelo capital investido na empresa”.

2.3.1.3 Índices de Endividamento

Os índices de endividamento são conhecidos também como estruturas de capitais, e mostram aos usuários interessados a relação de capital próprio e de terceiros da empresa. Estes servem para medir o nível de endividamento da empresa, ou seja, mostra o quanto do patrimônio é oriundo de terceiros, quanto é exigível a curto e a longo prazo, e quanto é proveniente de capital próprio.

Segundo Iudícibus (2010, p. 97), “são quocientes de muita importância, pois indicam a relação de dependência da empresa com relação a capital de terceiros”.

Apesar de existirem outras divisões deste índice, neste artigo os índices de endividamento utilizados foram: participação do capital de terceiros em relação ao capital próprio e composição do endividamento.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa descritiva, que ocorre quando o pesquisador não interfere nos fatos, apenas os descreve e registra (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 52). Além disso, a pesquisa se classifica como bibliográfica que, de acordo com (SILVA E MENEZES, 2005, p.21), “é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” e também estudo de caso que, ainda de acordo com (SILVA E MENEZES, 2005, p.21), é “quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”.

O trabalho foi desenvolvido com base nas demonstrações contábeis consolidadas das 10 maiores empresas do Brasil. Essas empresas foram escolhidas a partir da Revista Exame Melhores e Maiores, edição 2017. Na revista, são classificadas as 1000 melhores e maiores empresas com relação às vendas, mas para o estudo foram escolhidos os grupos dessas 10 maiores.

As 10 maiores empresas em vendas, segundo a revista, são: Petrobras, Petrobras Distribuidora, Ipiranga, Raízen Combustíveis, Vale, Telefônica, Cargill, Claro, Braskem e BRF. Pegou-se os respectivos grupos dessas empresas e, portanto, a Petrobras e a Petrobras

Distribuidora transformaram-se em apenas um grupo que é o grupo Petrobras, a Ipiranga faz parte do grupo Ultrapar, a Raízen Combustíveis compõe o grupo Raízen, e as demais empresas carregam o nome de seus próprios grupos: Vale, Telefônica, Cargill, Claro, Braskem e BRF.

Como o intuito do trabalho foi a análise dos índices financeiros para verificar se esses dez grupos empresariais sofrem os mesmos impactos econômicos e financeiros durante os três anos a serem analisados, foram utilizadas as demonstrações Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultado do Exercício dos anos de 2014, 2015 e 2016. Essas demonstrações financeiras foram extraídas da B3 e pelo próprio site das holdings na parte de Relação com Investidor.

Os indicadores financeiros utilizados foram: Índice de Liquidez, de Rentabilidade e de Endividamento. Foi feito o cálculo de todas as vertentes desses índices, e verificou-se que todas essas divisões em suas respectivas categorias possuem o mesmo padrão, ou seja, os índices de liquidez imediata, seca, corrente, geral, por exemplo, possuem índices similares e assim também acontece com os outros de rentabilidade e endividamento. Por este motivo, escolheu-se cinco índices que revelam de maneira geral cada categoria: de liquidez, rentabilidade e endividamento. São eles: Liquidez Geral, Giro do Ativo, Retorno do Investimento, Retorno do Patrimônio Líquido e Composição de Endividamento.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este tópico mostra a finalidade de cada índice analisado, além das análises realizadas, mostrando qual dos grupos se saiu melhor em cada indicador.

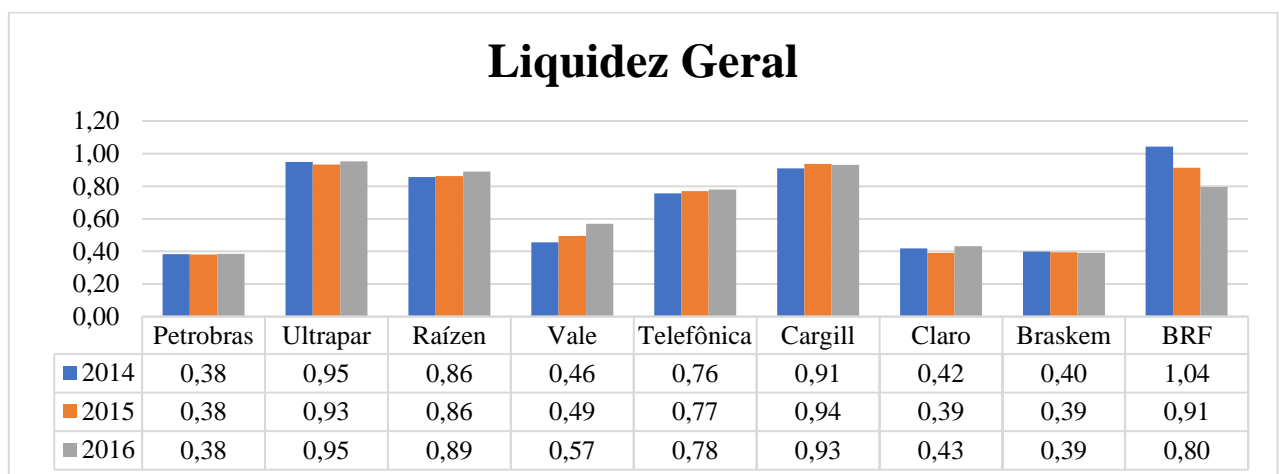


Figura 2 – Liquidez Geral

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

O índice de Liquidez Geral é o resultado da relação entre o ativo circulante e realizável a longo prazo com o capital de terceiros, portanto, quanto maior for o índice, melhor. Para Ribeiro (2004, p. 140), “a interpretação deste quociente deve ser direcionada a verificar se a empresa tem solidez financeira para cobrir os compromissos de curto e de longo prazo assumido com terceiros”.

Ao analisar este gráfico, pode-se perceber que a maioria desses grupos não houve aumento ou diminuição significativos no índice de Liquidez Geral, ou seja, se mantiveram no mesmo nível por três anos consecutivos.

O único grupo que conseguiu cumprir com suas obrigações tanto de curto quanto de longo prazo foi o grupo BRF com R\$1,04 para cada R\$1,00 de dívida no ano de 2014, isto é, pagou as dívidas e ainda sobrou R\$0,04. Vale ressaltar que isso ocorreu somente no ano de 2014, pois nos dois anos seguintes, não conseguia arcar com as dívidas, assim como todos os outros grupos que não conseguiram pagar suas obrigações. No entanto, para esses demais grupos isso ocorreu em todos os anos analisados de 2014, 2015 e 2016.

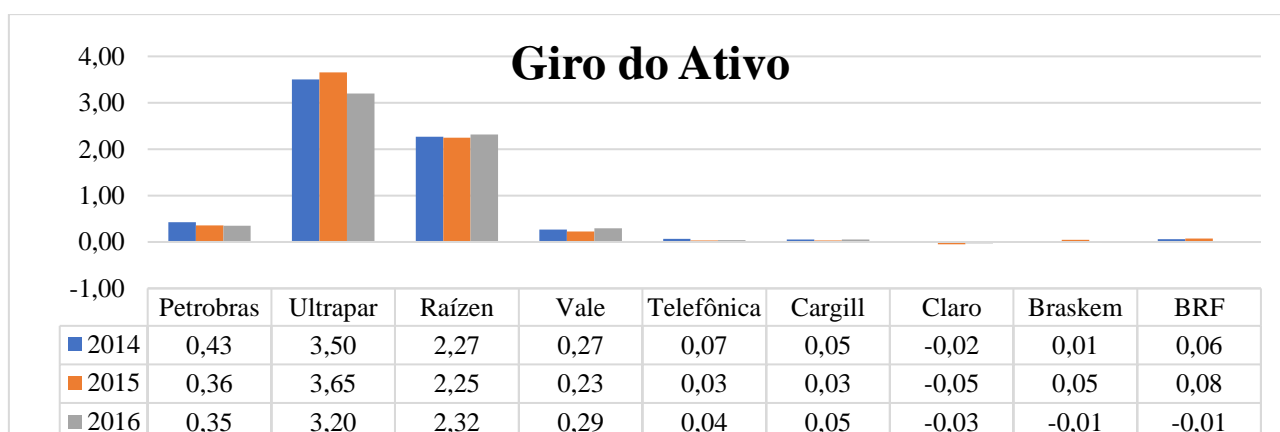


Figura 3 - Giro do Ativo

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Este índice mostra a relação entre o quanto a empresa vendeu e os investimentos totais feitos pela empresa. Quanto maior for o quociente, melhor.

O grupo Petrobras teve uma diminuição neste índice, mostrando que para cada R\$1,00 do ativo total, teve uma venda líquida de R\$0,43 em 2014, diminuindo para R\$0,36 em 2015 e diminuindo ainda mais no ano de 2016 com R\$0,35.

Os grupos Ultrapar e Raízen foram os dois únicos grupos entre os nove a ter o índice Giro do Ativo favorável, visto que tinham R\$3,50 e R\$2,27, respectivamente, no ano de 2014. No ano de 2015 o grupo Ultrapar teve um aumento no índice passando para R\$ 3,65, enquanto isso o grupo Raízen teve uma diminuição para R\$2,25. Em 2016 ocorreu o

contrário, o grupo Ultrapar teve uma diminuição no índice para R\$3,20, enquanto o grupo Raízen teve um aumento e passou para R\$2,32.

Os grupos Vale, Telefônica, Cargill, Claro, Braskem e BRF tiveram um índice mínimo, dando destaque para o grupo da Claro que teve seus índices negativos pelos três anos consecutivos pelo fato de ter incorrido prejuízo em seu resultado financeiro nos anos de 2014, 2015 e 2016.

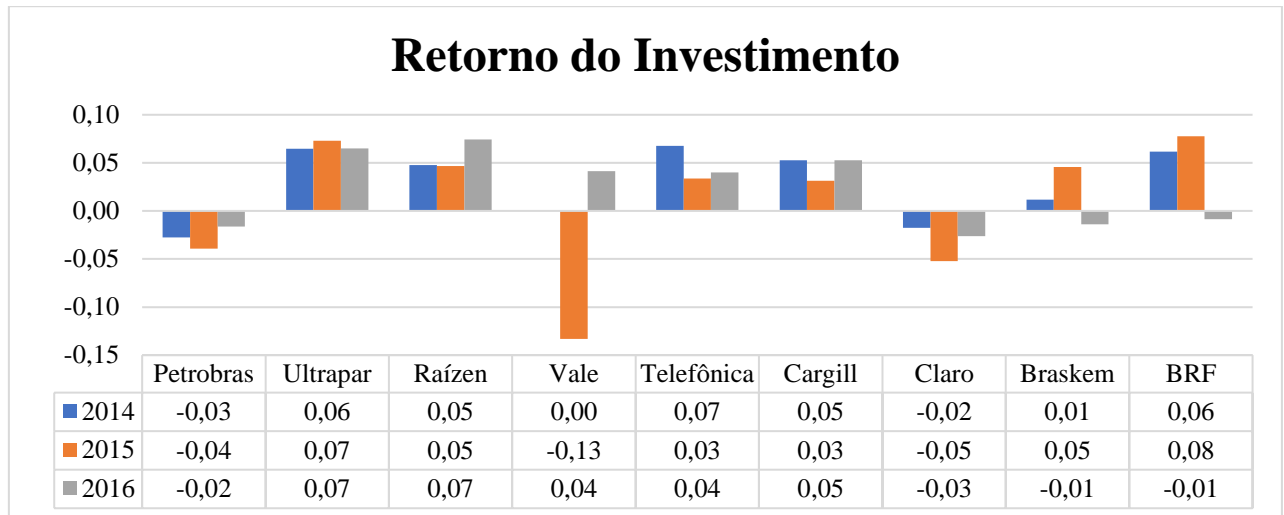


Figura 4 - Retorno do Investimento

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

O índice Retorno do Investimento mostra o retorno do investimento aplicado pela empresa. Dessa forma, quanto maior for o índice, melhor será a situação econômica da entidade, pois o tempo necessário para retorno do montante investido será menor.

A partir desse índice, é possível discernir que o grupo Petrobras e Claro não tiveram ganho pelos três anos consecutivos e sim uma perda de R\$0,03, R\$ 0,04 e R\$0,02 em 2014, 2015 e 2016, respectivamente para cada R\$1,00 investido no grupo Petrobras. No grupo Claro houve uma perda de R\$0,02 em 2014, R\$0,05 em 2015 e R\$0,03 em 2016.

O grupo que mais teve retorno foi o da BRF no ano de 2015 com R\$0,08 para cada R\$1,00 investido na empresa. No entanto, no ano de 2016 como incorreu em prejuízo em seu resultado, o retorno ficou negativo com R\$0,01.

O grupo com maior retorno negativo foi a Vale, também no ano de 2015, com R\$0,13, mas no ano de 2016 teve um retorno positivo com R\$0,04.

Os grupos Ultrapar, Raízen, Telefônica e Cargill foram os únicos a terem retorno positivo pelos três anos seguidos, com destaque para Ultrapar que conseguiu manter-se por dois anos seguidos como o segundo maior retorno.

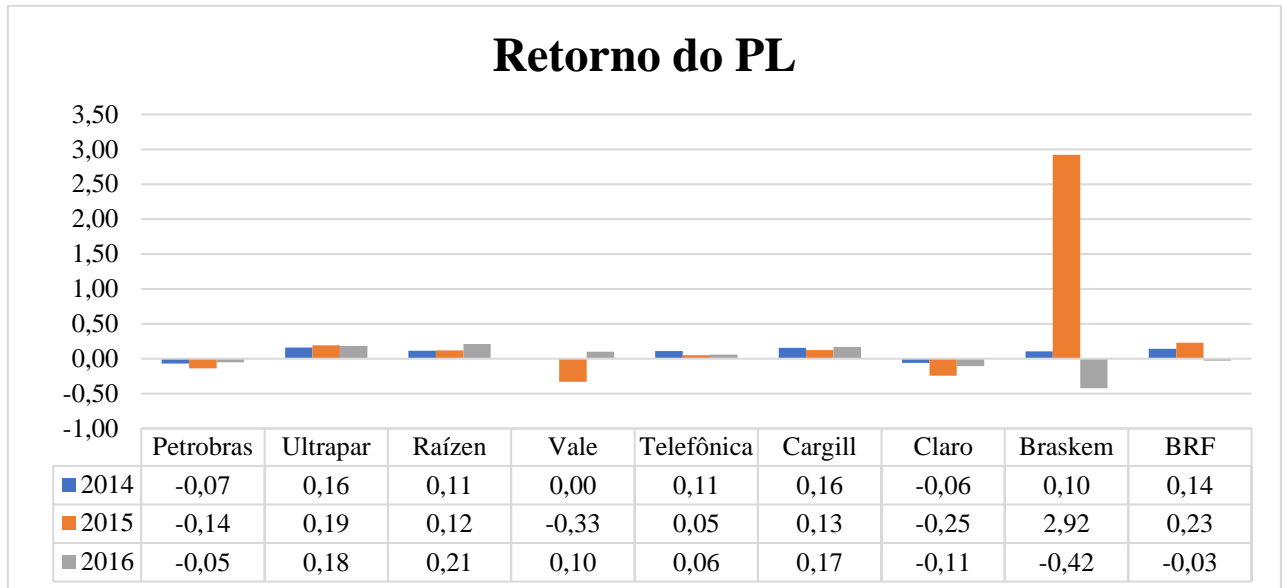


Figura 5 - Retorno do Patrimônio Líquido

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

Este índice mostra a taxa de rentabilidade do Capital Próprio, ou seja, o quanto a empresa lucrou, depois de ter descontado os custos, despesas e impostos do período, para cada real investido de Capital Próprio. Dessa forma, quanto maior o retorno sobre o Capital Próprio, melhor para a empresa.

Assim como o Retorno do Investimento, no Retorno do Patrimônio Líquido os grupos Petrobras e Claro tiveram prejuízo em seu exercício financeiro durante os três anos consecutivos e por isso houve um retorno negativo de 7% sobre o Patrimônio Líquido em 2014, 14% em 2015 e 5% em 2016 para o grupo Petrobras. Para o grupo da Claro, teve-se um retorno também negativo de 6%, 25% e 11% nos anos de 2014, 2015, 2016, respectivamente.

O grupo Braskem foi o que teve maior retorno negativo entre todos os grupos, mas somente no ano de 2016 com 42%. No entanto, no ano de 2015, foi o grupo que teve maior retorno positivo entre todos eles, com 292%.

O segundo maior grupo a ter prejuízo em seu exercício financeiro, e, portanto, um índice negativo foi o Vale com 33% no ano de 2015. Entretanto este retorno negativo foi somente no ano de 2015, pois no ano de 2014 o retorno foi igual a zero e em 2016 houve um retorno de 10%.

O grupo BRF teve um retorno negativo somente no ano de 2016 com 3%, mas nos outros anos teve um retorno positivo de 14% em 2014 e 23% em 2015.

Os demais grupos: Ultrapar, Raízen, Telefônica e Cargill tiveram retorno positivo durante os três anos seguidos com destaque para a Raízen que teve um crescimento gradual,

ou seja, no ano de 2014 teve um retorno de 11%, no ano de 2015 subiu para 12% e em 2016 aumentou quase o dobro para 21%.

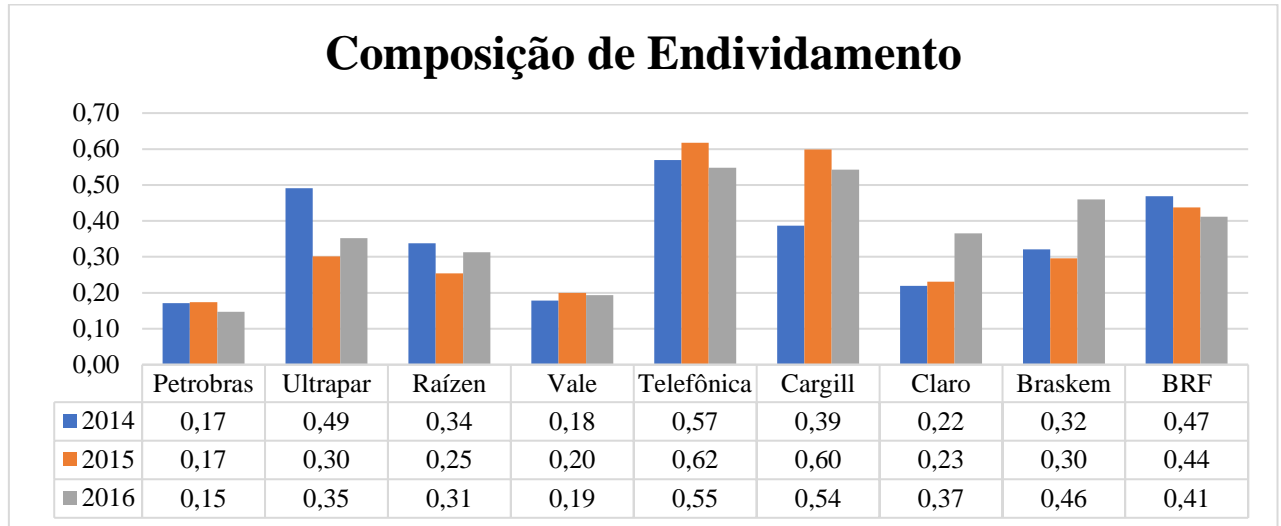


Figura 6 - Composição de Endividamento

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

O índice Composição do Endividamento mostra o quanto as obrigações de curto prazo representam do total de capital de terceiros, ou seja, identifica como estão distribuídas as obrigações da empresa de curto prazo e também de longo prazo. Dessa forma, quanto menor for o índice, melhor.

Por meio deste gráfico foi possível verificar que os grupos Petrobras e Vale foram os que tiveram menor participação nas dívidas de curto prazo em relação às dívidas totais da empresa. Dessa forma, por dois anos seguidos, 2014 e 2015, 17% das dívidas totais do grupo Petrobras eram de curto prazo. Isso mudou no ano de 2016, em que a participação diminuiu para 15%. O grupo Vale tinha 18% de dívidas de curto prazo em relação às dívidas totais no ano de 2014 e aumentou para 20% no ano de 2015, porém no ano de 2016 diminuiu 1% e ficou com 19%.

Os grupos com maior participação das obrigações a curto prazo em relação às obrigações totais foram a Telefônica e Cargill. O grupo Telefônica tinha 57% em 2014, em 2015 subiu para 62%, maior índice entre todos os grupos, e no ano de 2016 esta participação diminuiu para 55%, o que ainda é uma participação muito grande, já que representa mais da metade das dívidas totais. O grupo Cargill tinha comprometido 39% das suas dívidas totais com obrigações a curto prazo no ano de 2014, aumentou para mais da metade, 60%, em 2015 e diminuiu para 54% em 2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi verificar se os dez grupos empresariais sofreram os mesmos impactos econômicos e financeiros durante os três anos analisados, de acordo com os índices financeiros calculados a partir de suas respectivas demonstrações contábeis. Para escolher estes dez grupos e para que o objetivo fosse alcançado, pegou-se as 10 maiores empresas do Brasil eleitas pela revista Exame Melhores e Maiores, edição 2017 que serviu como parâmetro para pegar as demonstrações financeiras dos anos 2014, 2015 e 2016 dos grupos empresariais dessas dez maiores empresas.

A partir da análise dos resultados, foi possível perceber que, segundo o índice de liquidez geral, nenhum deles conseguia arcar com a dívida, somente um grupo (BRF) conseguiu pagar as dívidas no primeiro ano da análise, porém nos outros anos essa capacidade de pagamento diminuiu expressivamente. O grupo que conseguiu se manter estável e o mais próximo de conseguir pagar suas obrigações foi a Ultrapar.

O segundo índice analisado foi o Giro do Ativo e por meio dele pode-se verificar que o grupo Ultrapar foi o que teve melhor comportamento durante esses três anos, e em segundo lugar foi o grupo Raízen.

Segundo o terceiro índice, Retorno do Investimento, o grupo que se saiu melhor foi o Ultrapar e em seguida, o Raízen.

De acordo com o quarto índice, Retorno do Patrimônio Líquido, o grupo Raízen foi o que teve maior retorno no último ano de análise, já o grupo Ultrapar se manteve estável durante os três anos, mas com um retorno menor.

Por fim, no último índice analisado, Composição de Endividamento, os grupos que tiveram melhor comportamento foram Petrobras e em seguida, Vale.

Após as análises, pode-se concluir que os grupos sofrem impactos diferentes, tanto é que os resultados dos índices de cada um são diferentes uns dos outros. Pode-se dizer que quem conseguiu se sair melhor durante o período de crise dos três anos analisados e de acordo com os índices financeiros foi o grupo Ultrapar.

Por fim, para estudos futuros, recomenda-se que se faça a análise dos índices que não foram analisados neste trabalho para efeito de comparação e maior conhecimento ao usuário interessado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daniela et al. **O Estado de São Paulo**. Com dois anos de recessão, PIB brasileiro encolhe 7,2% Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,pib-cai-3-6-em-2016-e-confirma-pior-recessao-desde-1930,70001689773>> Acesso em: 15 set. 2017.

BRASIL. Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404compilada.htm Acesso em: 04 fev. 2018.

CARDOSO, Claudio Barbosa; FINANCEIRAS, Demonstrações. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS NAS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS.

CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. **Utilização da análise por envoltória de dados (DEA) na análise de demonstrações contábeis**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS, Comitê. CPC 26 (R1)–Apresentação das demonstrações contábeis. **Brasília, dez**, 2011.

GOMES, Elivelton Augusto Oliveira et al. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS NUMA PERSPECTIVA ORGANIZACIONAL.

MACHADO, Marcus Vinícius; BORGES, Ana Paula. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS PARA AS MICRO, PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS. **Revista Borges**, v. 4, n. 2, p. 13-22, 2014.

MARION, José Carlos. Análise das demonstrações contábeis. **Contabilidade Empresarial**, v. 3, 2009.

NBR, ABNT. 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. **Rio de Janeiro**, 2003.

NOGUEIRA, Nuno. O que é uma recessão econômica? Disponível em: <<https://www.portal-gestao.com/artigos/6594-o-que-%C3%A9-umarecess%C3%A3oecon%C3%B3mica.html>> Acesso em: 15 set. 2017.

PESQUISA, CNI–IBOPE. Retratos da sociedade brasileira: Crise econômica III - Inflação e consumo. Disponível em: <<https://static-cms->

si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/b7/df/b7df5504-d947-497d-834d-2c4c09858b70/retratosdasociedadebrasileira_26_criseeconomicaiii-inflacaoconsumo.pdf>
Acesso em: 15 set. 2017.

PINHEIRO, Ana Flávia Andrade. A INTERFERÊNCIA DA CRISE ECONÔMICA NO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR, EM RELAÇÃO AOS PEQUENOS COMÉRCIOS LOCAIS. **South American Development Society Journal**, v. 2, n. 5, p. 27-41, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RIBEIRO, Luci. **O Estado de São Paulo**. Crise diminui poder de compra e aumenta endividamento, diz CNI Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-diminui-poder-de-compra-e-aumenta-endividamento--diz-cni,1759041>> Acesso em: 15 set. 2017.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e análise de balanços fácil**. Saraiva, 2004.

ROBERTO, Caroline Rufatto Prof Orientador Paulo et al. CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS PARA TOMADA DE DECISÕES EM UMA EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL. **Revista e-ESTUDANTE-Electronic Accounting and Management-ISSN 1984-7378**, v. 3, n. 3, 2011.

SANTOS, Elisângela Silva dos. Análise de Demonstrativos Contábeis: estudo de caso das empresas Gol e Tam. 86 f. Monografia (Especialização em Controladoria e Finanças) – Centro Universitário Filadélfia, Unifil, Londrina, 2012.

SANTOS, Maira Correia dos. ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DE UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA. **BIBLIOTECA DIGITAL CURSO DE CIENCIAS CONTÁBEIS**, v. 1, n. 1, 2009.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera. A pesquisa e suas classificações. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Cap, v. 2, n. 4, p. 19-25, 2005.

APÊNDICE

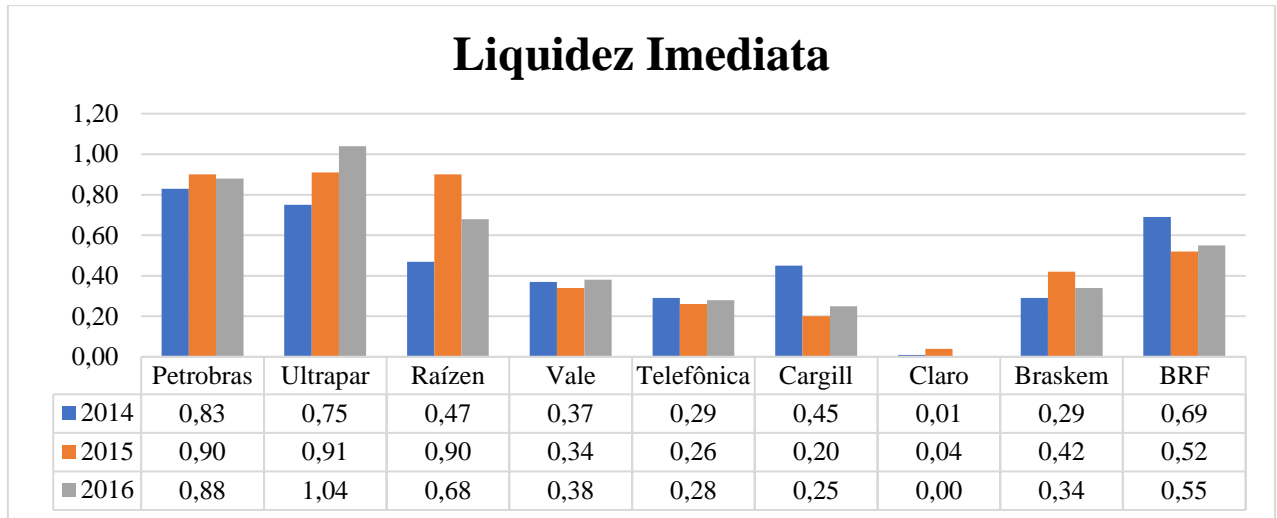


Figura 7 – Liquidez Imediata

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

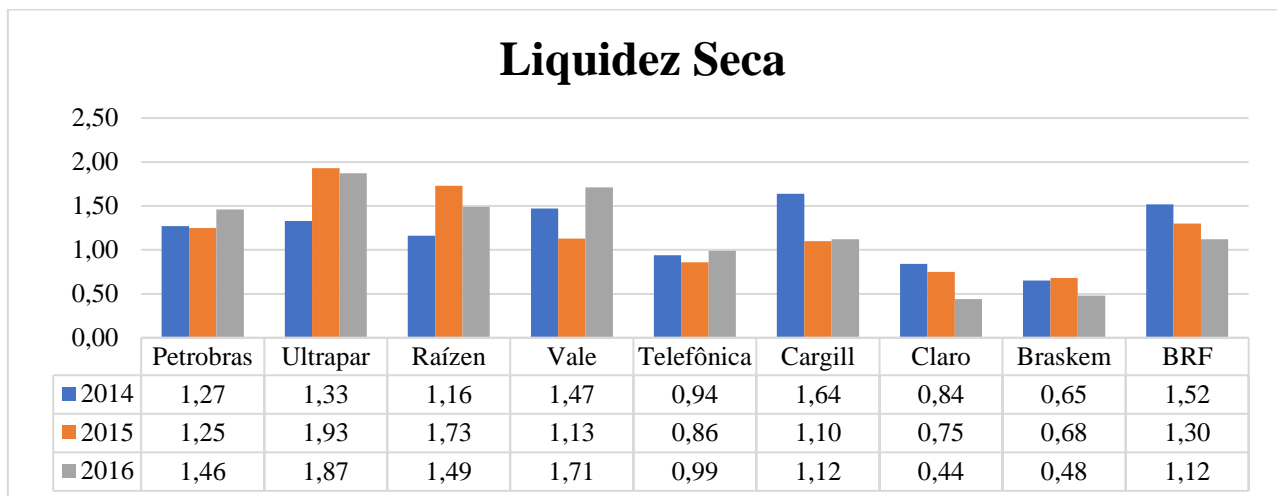


Figura 8 – Liquidez Seca

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

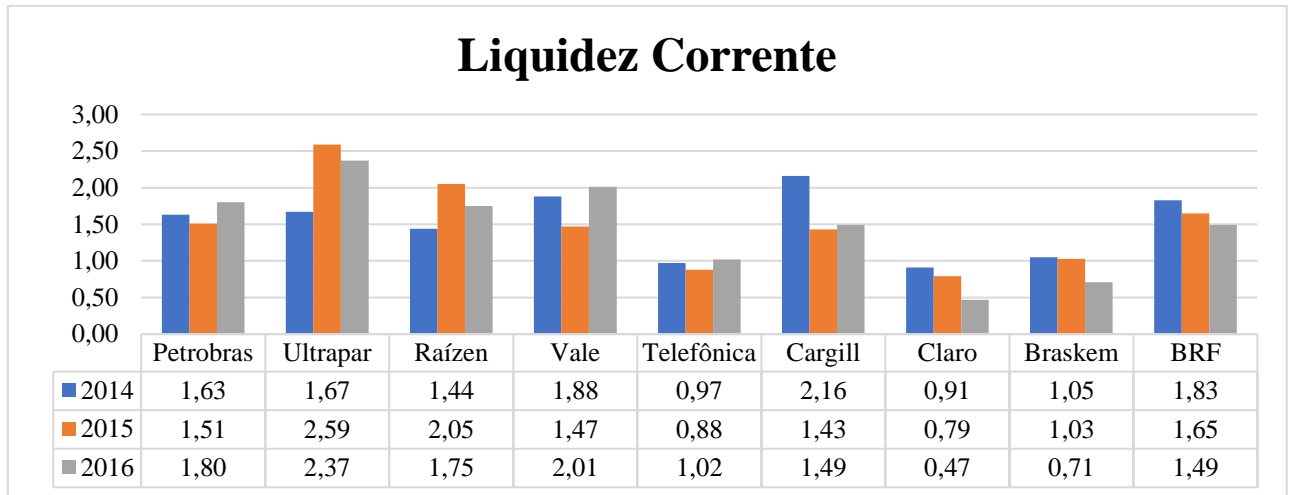


Figura 9 – Liquidez Corrente

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

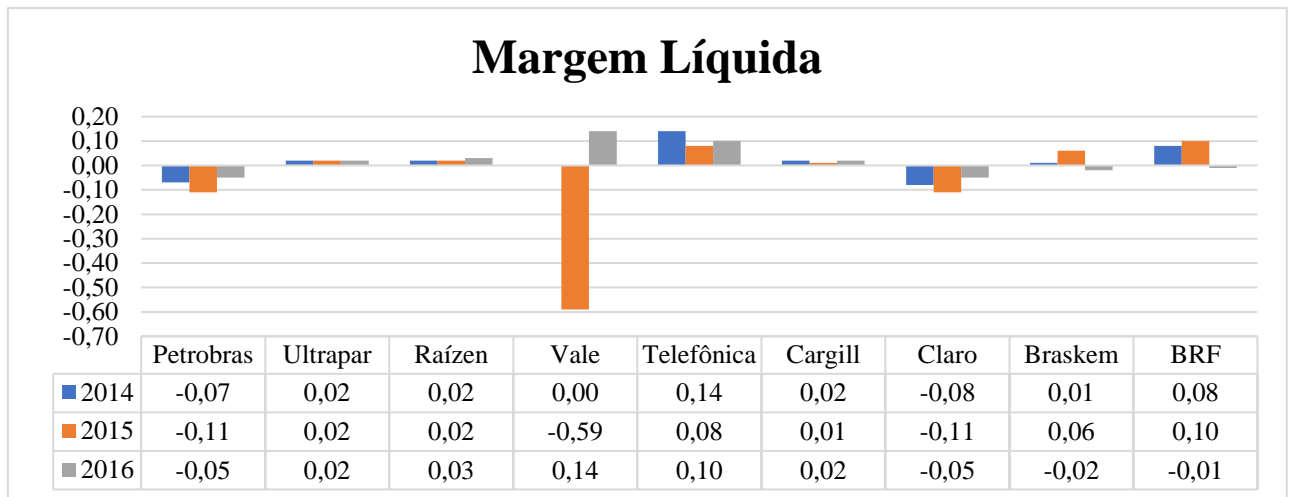


Figura 10 – Margem Líquida

Fonte: Elaborado pela autora (2017)

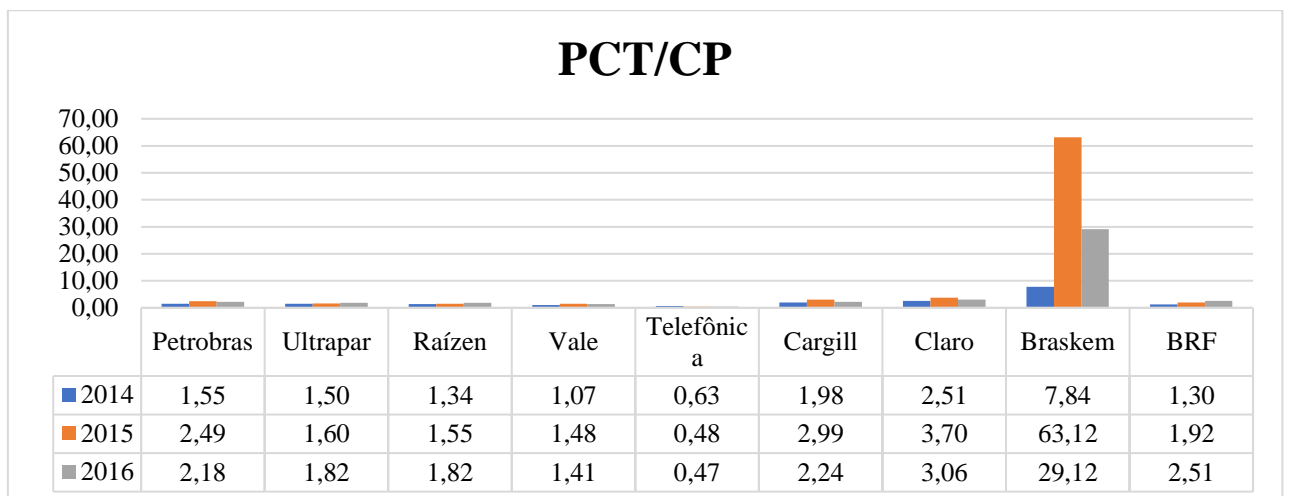


Figura 11 – Participação do capital de terceiros em relação ao capital próprio

Fonte: Elaborado pela autora (2017)